

A Festa e o Turismo: Relações entre Moradores e Visitantes no São João de Arcoverde

Priscilla Carla Leite Marques¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir as relações estabelecidas entre moradores e visitantes durante o São João da cidade de Arcoverde, sertão do estado de Pernambuco, distante 252 km de Recife, capital do Estado, e como elas ajudam na configuração atual desse festejo. Através da realização do trabalho de campo durante duas edições da festa, 2007 e 2008, foram coletados os dados para a conformação desse trabalho. Além da observação participante, foram realizadas entrevistas com os moradores e com os visitantes, num total de 22 moradores e 16 visitantes. Como resultado, percebeu-se uma grande harmonia na relação que é estabelecida entre os residentes e os turistas. Os moradores julgam essa presença importante tanto pelos aspectos econômicos que ela gera como também pela valorização que esses visitantes fazem de sua terra, suas manifestações culturais e sua festa. Os visitantes, por sua vez, julgam a hospitalidade arcoverdense elemento fundamental na vivência do festejo. O desenvolvimento do turismo e a vinda cada vez maior de turistas reconfigura o evento e demonstra que esse encontro gera impactos positivos para a localidade e também para sua população.

Palavras-chave: Festa Junina. Moradores. Visitantes. Relações. Turismo

¹ Bacharel em Turismo pela UFPE, Especialista em Planejamento e Gestão do Turismo pela UPE e Mestre em Antropologia pela UFPE. Atualmente leciona no Curso de Turismo da Faculdade Metropolitana de Grande Recife. Email: priscillaclm@gmail.com

Introdução

O presente artigo tem como objetivo discutir as relações estabelecidas entre moradores e visitantes durante o São João da cidade de Arcoverde, sertão do estado de Pernambuco, e como elas ajudam na configuração atual desse festejo. É resultado da dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE que, além de discutir o que propõe esse artigo, visava, através da realização de uma etnografia do festejo, compreender o turismo como um novo elemento estruturante da festa. Através da realização do trabalho de campo durante duas edições da festa, 2007 e 2008, foram coletados os dados para a conformação desse trabalho. Além da observação participante, foram realizadas entrevistas com os moradores e com os visitantes, num total de 22 moradores e 16 visitantes. A escolha dos entrevistados se deu de forma aleatória. A disposição em responder as questões contou bastante na escolha dos interlocutores escutados. As entrevistas semi-estruturadas com os moradores locais contavam com 19 questões e as dos visitantes contavam com 22 questões.

Arcoverde é considerada como a cidade que abre o sertão pernambucano, se seguimos o roteiro de interiorização do estado pela BR 232. Localiza-se a 252 km de Recife, capital do Estado. Sua área comercial merece destaque já que possui uma diversidade de produtos: vestuário, eletrodomésticos e eletrônicos, móveis, entre outros. Possui duas organizações fortes e atuantes que articulam os comerciantes da cidade: a Associação Comercial e a Câmara dos Dirigentes Lojistas – CDL que ajudam inclusive na realização das festas na cidade. A área de serviços também se destaca, pois a cidade dispõe de postos de gasolina, oficinas mecânicas e concessionária de veículos, hotéis e pousadas, farmácias, clínicas médicas, odontológicas, de reabilitação e fisioterapia, hospitais, escritórios de advocacia e contabilidade². Possui um vasto calendário de eventos, no quais se destacam o *Revellion* Popular, o São João, a Exposição de Animais

² Acesso < http://www.arcoverde.pe.gov.br/WebSiteArcoverde/aspectos_eco/aspectos_economicos.htm>
Disponível em 01 fev de 2009 às 10h.

e a festa do comércio. Seu São João³ segue o padrão das festas juninas nordestinas: muito forró nos palcos armados na cidade, comidas típicas, bandeirinhas e decoração, fogueiras e fogos. É promovida pela Prefeitura Municipal de Arcoverde e executada pela sua Secretaria de Turismo.

O histórico desse São João é importante para a contextualização do turismo no processo de sua construção. Dessa forma, através dos depoimentos colhidos, pode-se dividir esse histórico em três períodos: antes do ano de 2001; de 2001 a 2004, período do governo de Rosa Barros, e de 2005 até o presente momento, período do governo de Zeca Lemos.

Antes do ano de 2001, o São João era local, pequeno, nas ruas, nos bairros e não era gerido pela prefeitura, que apenas organizava uma palhoça no Bandeirante⁴, atual localização do palco principal, como afirmaram alguns entrevistados. Já no São João de 2001, novas posturas foram tomadas em relação à organização do evento. A festa, promovida pelo poder público municipal, a partir de então carrega um tema. Os temas conseguem, de certa forma, caracterizar a tendência do São João de Arcoverde em se assemelhar com as outras festas nordestinas, já que a presença de um tema é comum aos festejos nordestinos, tanto aos juninos como aos carnavalescos, principalmente aqueles mais midiáticos. Além disso, a festa se estabelece na divisão dos que hoje chamamos de pólos, contando com mais de um palco. Com o aumento do número de palcos, aumenta também o espaço para as bandas locais. Assim, inicia-se também o processo de transformar a festa em atrativo turístico. Em 2001, a presença de visitantes e turistas na festa já é notada pela população local, contudo, nem todos percebem essa presença. A partir de 2001, algumas mudanças transformaram a forma da cidade ver a festa. Ela passa a ser turística, ser estratégica, já que a gestão municipal percebe o evento como um excelente negócio por fazer toda a economia da cidade girar com a vinda dos visitantes e com o incremento das vendas no comércio, pois se visualiza o momento festivo como um momento de intenso consumo de bens e serviços. A partir de então,

³ São João é empregado para dar nome a todo o festejo junino, apesar de acontecer somente em um dia. A festa junina, que abrange a comemoração aos Santos: Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e São Pedro (29 de junho), é comumente chamada de São João.

⁴ Bandeirante é o nome popular utilizado pelos residentes para denominar a Praça da Bandeira, ponto de encontro e de lazer em Arcoverde, com bares e barracas de comidas, que, durante o São João, abriga o Pólo Central da festa.

estrutura-se como um dos produtos principais da gestão pública municipal, passa a possuir diversos pólos, começa a trazer artistas de renome nacional e internacional para sua grade de programação e se posiciona como uma grande festa junina, extrapolando seus limites locais e atraindo uma demanda de visitantes ao município. No terceiro momento dessa trajetória, vê-se uma maior estruturação e profissionalização do evento a partir do modelo adotado em 2001. O ano de 2005 torna-se, para alguns moradores entrevistados, o ano que marca a transformação da festa de Arcoverde. É o momento da consolidação das características do festejo enquanto práticas e políticas. É percebido também que a festa nessa fase deixa apenas de prestigiar os artistas locais para convidar à sua grade de programação artistas mais conhecidos, populares e com reconhecimento nacional. Talvez por isso, a população ache que a festa passa a crescer no governo de Zeca, justamente porque ele investe mais nas atrações nacionais. Esse investimento se reverte também para a melhoria da infra-estrutura dos palcos, da decoração, da organização física das barracas, camarote, da identidade visual, da divulgação. Nota-se também a presença de mais patrocinadores participando do evento. Agora a presença dos turistas é bem percebida por todos, principalmente quando é constatada a lotação dos meios de hospedagem no período junino.

Com a presença desses turistas, viu-se a necessidade de adaptar o evento a essa realidade. Assim, é relevante entender como se estabelece a relação desses visitantes e da população da cidade nesse encontro proporcionado pela atividade turística desenvolvida no São João de Arcoverde.

Os moradores e os visitantes: o encontro

O São João de Arcoverde tem crescido bastante. Isso se deve, sobretudo, ao incremento da atividade turística na cidade durante o festejo. O número de turistas aumenta bastante ano a ano como afirmam todos os moradores entrevistados. Porém, a população enxerga o início da vinda dos turistas em tempos diferentes. Um grupo de entrevistados coloca que os turistas começaram a vir na época em que Rosa foi a

prefeita, nos anos de 2001 a 2004. Outro grupo só percebe a presença dos visitantes na época em que Zeca é o prefeito, a partir de 2005.

A atividade turística é entendida por muitos como uma importante atividade econômica para os municípios com potencialidade. Assim também ela é compreendida em Arcoverde. O conceito de turismo está sempre ligado ao item deslocamento do indivíduo de seu local de residência para outro (MOLINA e RODRÍGUEZ, 2001). Margarita Barretto (1995) menciona que a primeira definição de turismo do austríaco Hermann Schattenhofen, em 1911, compreende o turismo a partir dos processos econômicos que ele gera, “que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (p. 09). Norwal, em 1936, destaca na definição de turismo o gasto do turista do dinheiro recebido no seu local de origem no destino visitado (*apud* BARRETTO, 1995). Apesar de a atividade turística atualmente não ser definida apenas sob os aspectos econômicos, entendida, sobretudo, como fenômeno social, é assim que ela é colocada pela mídia e pelo Estado, e compreendida em Arcoverde. A maioria dos residentes entrevistados, quando questionada sobre a contribuição desse visitante para a cidade, afirmou que seria a parte financeira, a entrada de divisas, renda, através de compras e consumo no local a principal contribuição.

Nesse trabalho, entender como o visitante é percebido e visto pela população de Arcoverde é importante para configurar as relações que se estabelecem durante os festejos juninos da cidade. O termo visitante foi escolhido para generalizar todos aqueles que vêm de qualquer que seja a cidade para festa em Arcoverde. O termo turista, de acordo com as definições oficiais do setor, é aquele que se desloca de seu local de residência e entorno e que pernoita no local visitado. Ao considerar esse conceito, estaria desqualificando para essa pesquisa aqueles que vêm de cidades vizinhas e bem próximas como Pesqueira, Belo Jardim, Custódia, Sertânia, porque Arcoverde poderia ser considerada como entorno. A população entrevistada cita, quando questionada sobre a origem dos turistas, cidades como Caruaru, Garanhuns, Belo Jardim, Custódia, Buíque, todas do interior de Pernambuco e algumas muito próximas de Arcoverde, validando a presença deles enquanto turistas na cidade durante a festa.

Os entrevistados, em sua maioria, gostam de relacionar-se com esses visitantes. Eles colocam que além do dinheiro, os visitantes ajudam também a divulgar a cidade, provocando um orgulho notável principalmente quando eles citam que os turistas vêm de lugares distantes como Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Maceió, Fortaleza, Rio de Janeiro, Paulo Afonso, EUA, Itália, França, Espanha, Portugal, Alemanha e voltam para suas casas falando bem do São João de Arcoverde.

Importante ressaltar que o histórico do festejo, da forma como ele acontece hoje, pode ser contado a partir do início da vinda desses turistas. A população, durante as entrevistas e em conversas informais sobre a festa, comenta sobre o seu crescimento e a sua programação diversificada e os associa a essa presença. Quando questionados sobre a relação que estabeleceram com esses visitantes, todos afirmaram ser uma ótima experiência, mostrando quão positiva tem sido essa interação. Os adjetivos colocados para qualificar a experiência denotam a facilidade de entendimento entre as partes: visitados e visitantes. Não há queixas da presença dos turistas. Em muitos estudos sobre os impactos do turismo nas comunidades receptoras, vê-se o contrário.

A bibliografia que trata desses impactos, geralmente, privilegia os negativos (OMT, 2001). A principal preocupação daqueles que estudam o tema é entender como esses relacionamentos interferem nas mudanças socioculturais das localidades turísticas. Entende-se, também, que a atividade turística não é o único fator de mudança como analisa Burns (2002, p.127, 128):

Embora o turismo seja um entre vários catalisadores de mudança, sua natureza onipresente significa que ele apresenta maior capacidade para afetar profundamente a comunidade anfitriã. Entretanto, a força maior continua sendo o poder inexorável da modernização.

Em Arcoverde, os residentes apontam a vinda dos turistas como um dos responsáveis pela mudança do São João, contudo é difícil visualizar os impactos negativos dessa mudança, porque eles a julgam, quase em sua totalidade, como positiva. O efeito demonstração, entendido como um aspecto dos impactos negativos que acontece da influência que os turistas exercem na população local através do seu exemplo, gera resultados que “[...] poderão distorcer as atividades e os costumes tradicionais em eventos localizados e mais curtos[...]”(COOPER ET AL, 2007, p.245), porém ainda não é percebido de forma concreta em Arcoverde, tampouco os outros impactos como a criminalidade, a prostituição, a mercantilização e conseqüente

desvirtuação da cultura local. Os impactos negativos, constantemente, são ligados à prática do turismo de massa que faz uso de forma indiscriminada da infra-estrutura local, gerando congestionamentos, especulação imobiliária, expulsão dos habitantes locais para áreas periféricas, invasão da privacidade em práticas cotidianas. Esse incômodo é considerável em grandes destinações turísticas que na alta temporada costumam receber muitos visitantes, superando, e as vezes dobrando, o número de residentes.

Já os impactos positivos que a literatura discute são mais fáceis de serem visualizados em Arcoverde. Percebe-se que para cada realidade, a discussão dos impactos termina por se construir numa dialógica de posições, pois se vê que, em algumas localidades, aquilo que seria entendido como um possível impacto negativo – no nosso caso o crescimento da festa – torna-se um impacto positivo. A valorização da cultura local, seja ela material ou imaterial, a elevação do orgulho local, a melhoria na infra-estrutura compartilhada tanto pelos residentes como pelos turistas, o exercício de tolerância às diferenças socioculturais são notáveis em Arcoverde. Sua população aprova o novo formato do evento, valoriza, de certa forma, a sua cultura, se orgulha dela, ganha uma cidade mais organizada e por conviver com diferentes públicos, pólos e manifestações se tornam mais flexíveis às diferenças.

No entanto, é importante ressaltar que os impactos positivos estão mais facilmente visíveis porque o turista que o evento atrai tem uma classificação que justifica os efeitos sofridos. Cooper et al (2007), Barretto (2007) e Burns (2002) afirmam que é proeminente compreender o tipo de turista que a localidade recebe para, do mesmo modo, verificar os impactos trazidos. A classificação de Cohen de 1972 dos turistas não-institucionalizados é adequada ao que se sucede em Arcoverde. São turistas independentes, que organizam suas viagens sem o auxílio de uma agência e preferem locais mais exclusivos (BARRETTO, 2007). Alguns visitantes entrevistados alegaram que preferem ir a Arcoverde no São João porque há menos gente que em outras festas como a de Caruaru. Eles têm uma tendência em se relacionar de forma mais próxima à comunidade receptora, pois, como estão por conta própria, precisam interagir para obterem as informações sobre aonde ir e como chegar, por exemplo.

Além do tipo de turista, pode existir outra lógica para entender quão harmoniosa é a relação visitante versus visitado. Apesar de possuir uma carga enorme de evolucionismo nesses modelos, que estabelecem estágios no relacionamento visitante/visitado, e de serem deterministas, é interessante refletir acerca dessas elaborações. O modelo de Doxey (apud BARRETTO, 2005 e 2007; COOPER ET AL, 2007; OMT, 2001; PEARCE, 2002) mede o nível de irritação dado a partir do contato entre residentes e visitantes. O modelo propõe a divisão em cinco etapas: a etapa de euforia, no qual a comunidade reage com bastante entusiasmo à presença do turismo na localidade, recebendo muito bem os visitantes; a etapa de apatia, com a instalação da atividade turística, a presença dos turistas torna-se algo normal, assim a relação estabelecida entre eles e o moradores locais são apenas comerciais; a etapa de irritação, quando os membros da comunidade local começam a duvidar dos reais dividendos do turismo, julgando que os impactos negativos superam os positivos; a etapa de antagonismo, no qual os visitantes são vistos como os causadores dos males da localidade; e a última etapa, a final, no qual os turistas optam por mudar de destino porque percebem que a comunidade desconsidera tudo aquilo que antes era visto como atrativo, ou seja, os residentes não mais se preocupam com o desenvolvimento da atividade. Se considerarmos esse modelo, percebe-se que Arcoverde está na primeira etapa desse ciclo, com seus moradores bastante excitados com a vinda de tantos visitantes para a festividade de sua cidade. O questionamento durante as entrevistas sobre a relação que os moradores estabeleciam com os turistas foram cercadas por muita tranquilidade e, às vezes, por empolgação. A presença dos turistas ajuda a população local a valorizar mais sua festa e suas particularidades. O que apenas se visualiza de forma muito branda é a inflação do preço de alguns produtos e serviços, principalmente aqueles ligados diretamente ao consumo turístico⁵.

Muitos dos entrevistados recebem em casa durante o festejo amigos e familiares – também considerados visitantes – e demonstram bastante entusiasmo com essa acolhida. A festa torna-se o momento e o motivo para muitos voltarem a sua terra natal. Os residentes entrevistados pontuaram que muitos dos filhos da terra preferem retornar

⁵ Percebido por mim, que já acompanho a festa há seis anos e por estar na cidade antes da chegada dos turistas no trabalho de campo. Contudo, os visitantes não se queixam dos valores praticados.

durante os festejos juninos aos festejos de fim de ano, reforçando os laços familiares. O que Rita Amaral (2001) coloca, “pode-se dizer que a importância destas festas, para as populações nortista e nordestina, ultrapassa a do Natal, principal festa cristã”, concorda com o que acontece em Arcoverde. Assegura ainda que “O mês de junho é um mês do refluxo migratório, e as companhias de transporte rodoviário e aéreo atestam este fato”, também visualizado em Arcoverde.

Alguns dos moradores entrevistados, porém, já começam a alugar suas casas, percebendo que nesse momento obter lucros com a festa também. A relação nesse momento passa a ser comercial. Todavia, a relação se sustentará também em atender às expectativas dos visitantes e de sua estadia na casa do morador durante a festa. O morador prepara a casa para receber esses inquilinos temporários: tira os móveis da casa, coloca chuveiro elétrico, entre outras intervenções em sua moradia, o que termina por se transformar em investimentos que antes não seriam realizados, melhorando, conseqüentemente, sua qualidade de vida – o que pode ser compreendido como um impacto positivo do turismo, além da parte financeira do aluguel. Ao fim da festa, a relação de entrega da casa vem junto com as perguntas de constatação daquilo que viveram na festa, se gostaram, o que curtiram e – o melhor – se voltarão ano que vem. Muitos dos visitantes entrevistados preferem ficar durante o São João em casas alugadas, alguns deles, inclusive, estão vindo pela terceira vez e alugando a mesma casa.

Nesse caso, o São João de Arcoverde testemunha o desenvolvimento da atividade turística acontecendo com a inclusão da comunidade que dela se beneficia socioeconomicamente, comprovando a necessidade do trabalho empírico para demonstrar diferentes realidades que nos ajudam a compreender as relações estabelecidas no mundo contemporâneo, cheio de especificidades. A festa torna-se, então, um excelente momento para essas constatações.

Além do ponto de vista dos residentes de Arcoverde, faz-se necessário vislumbrar também aquilo que os visitantes que sua festa atrai pensam dessa relação com os locais. Como o posicionamento diante da festividade é outro, é necessário vislumbrar também o outro lado.

Foi interessante perceber que o encontro, o estar junto, é um dos atributos que mais fazem diferença no festejo junino em Arcoverde. A hospitalidade do povo arcoverdense é um item destacado pelos visitantes em nossas conversas. Bueno (2003, p.114) justifica esse entendimento “porque a ‘festa’ parece possuir condições ideais para produzir hospitalidade”, já que nela há o encontro com o outro, indispensável para o exercício da hospitalidade que vai se consistir nessa relação de bem receber. Alguns visitantes citaram em seus depoimentos uma festa particular, o aniversário de Leo⁶, como um dos eventos de que participavam durante a estada na cidade. Essa comemoração consegue traduzir a hospitalidade do povo arcoverdense, pois a festa é freqüentada em sua grande parte por pessoas que não conhecem o aniversariante. Mas, nem por isso, o tratamento dado a essas pessoas é diferenciado. São todos muito bem servidos, sendo conhecidos ou não do dono da festa e de sua família.

Existem também outras festas particulares, que reforçam o sentido que o festejo junino é público e privado e assim entendido por seus participantes, que denotam o exercício contínuo da hospitalidade, não apenas da festa produzida pela cidade, a festa oficial, mas também por seus residentes. O São João local, mais que isso, estabelece uma quebra da fronteira entre público e privado, pois todos, moradores e locais, circulam tanto nas festas particulares como na festa oficial, de casa em casa. Essa prática que insiste em acontecer em Arcoverde remete ao sentido de sociabilidade que as cidades de interior costumavam ter e que, talvez, para muitos visitantes, seja uma característica da cidade que faz a diferença na dinâmica de sua festa junina. Como nas grandes cidades, essas práticas são raras; em viagens ao interior essa busca está contida nos anseios daqueles que escolhem Arcoverde como destino. As portas das casas dos residentes de Arcoverde não se abrem somente se houver uma festa particular. O momento festivo proporciona, como já colocado anteriormente, ocasiões nas quais há um estreitamento das relações

⁶ Leo é designer e produtor cultural, mora em Recife, mas é natural de Arcoverde. Seu aniversário é no São João e para comemorar, faz uma festa na frente da casa de sua avó, no bairro de São Cristóvão. Muitos amigos, motivados pelo aniversário, começam a se deslocar para Arcoverde nesse período. A festa começa pela manhã e se estende até a noite. Sua família prepara e fornece a comida e a bebida, mas, devido a grande quantidade de gente presente, a bebida, quando se acaba, é logo providenciada por seus participantes que passam o chapéu e recolhem o dinheiro para comprar mais bebidas. A festa ocupa a rua e não só a casa, e por causa da sua demanda, necessita de um reforço na infra-estrutura, como a colocação de banheiros químicos. Sua popularidade – muitos vão a festa e nem conhecem Leo – fez a prefeitura propor que a festa virasse um pólo. Inclusive Leo já recebeu uma menção honrosa da câmara de vereadores, por atrair visitantes à cidade.

sociais entre os visitantes e visitados. É a temporada em que os moradores mais recebem os parentes e amigos em suas casas, conforme muitos dos entrevistados como mais que ao final do ano. Os convites para estar, almoçar, jantar, até dormir, enfim, para conviver com os habitantes locais em suas residências foram inúmeros, como pude em campo acompanhar. Mesmo que pontuais, são relevantes para elencar as razões que levam os visitantes a escolher Arcoverde como destino e compreender a escolha da Praça Virgínia Guerra, local que abriga diversos pólos durante o evento, como um dos locais mais freqüentados pelos visitantes, principalmente os de Recife, por tentar criar esse cenário de interior.

Permite-se também ver a hospitalidade como uma ferramenta de barganha em um evento turístico, de reciprocidade. Nós, cidadãos e prestadores dos serviços turísticos, te recebemos bem, realizamos a melhor acolhida, em contrapartida, vocês, visitantes, consomem e deixam seus dividendos em nossa cidade. Essa é a lógica do capital e do turismo, quando entendido enquanto indústria, atividade meramente econômica. Entretanto, a reciprocidade da hospitalidade visível em Arcoverde não segue essa lógica. Os arcoverdenses são hospitaleiros com os visitantes no São João porque se sentem bastante gratificados com o respeito e a valorização que os de fora têm com seu festejo e suas manifestações culturais locais, enaltecendo-os. A reciprocidade da hospitalidade se manifesta na construção do relacionamento entre moradores locais e turistas. Amaral (2001), analisando Durkheim e os autores sucessivos a ele, elenca três características principais a todo tipo de festa, sendo duas delas bastante oportunas para essa reflexão. Um aspecto é “a superação das distâncias entre os indivíduos”, notável, fundamentalmente, nas relações estabelecidas entre residentes e turistas, como colocado anteriormente, no qual há um claro entrosamento entre as partes durante o festejo; e outro é “a produção de um estado de ‘efervescência coletiva’”, que permite entender a exaltação de viver o coletivo durante a festa, já que estar com amigos parece ser condição *si ne qua non* em participar do evento.

A configuração atual do festejo junino perpassa por essas questões entre visitantes e visitados. É para eles que a gestão pública municipal realiza o evento. Mesmo que tenham interesses variados, o bom relacionamento entre esses atores, a tolerância que emerge dessa relação, ajuda bastante na conformação da programação, dos pólos, da festa

de maneira geral, auxiliando bastante os gestores do São João, mesmo que haja grandes diferenças entre os espaços criados para o evento.

Conclusão

A constatação que a coleta dos dados nos permitiu visualizar deixa claro que a população aceita a presença dos visitantes e a coloca como co-responsável pela nova roupagem do evento na cidade. O relacionamento instituído pelos residentes e pelos turistas durante a folia é bastante harmonioso, afinal ambos desejam o mesmo, divertir-se. Além de movimentar o cotidiano dos moradores, a presença desses visitantes gera oportunidade de se fazer novas amizades, de arranjar novos pares românticos, item também citado pelos entrevistados como relevante no estabelecimento da relação entre residentes e visitantes. Além disso, a comunidade local vê no turismo uma possibilidade de entrada de divisas, gerando em trabalho e renda, como proclamada pelas instituições que colocam a atividade turística como uma bênção. Margarita Barretto (2007, p.44) justifica que “na atualidade já não parece caber a discussão – muito comum na década de 1970 – de se o turismo é uma bênção ou uma maldição”. Como ainda o turismo institucionalizado, com a presença de grandes operadoras ofertando a festa em pacotes turísticos, não se estabeleceu em Arcoverde, não se consegue visualizar ainda a pressão que o mercado turístico demanda em padronizar os produtos e serviços, além de buscar sua excelência de qualidade que muitas vezes vai de encontro às práticas culturais locais.

Nota-se ainda que a relação entre visitantes e visitados se constrói positivamente porque, através da escolha e da valorização da festividade arcoverdense por parte dos turistas, há um reconhecimento que auxilia na fortificação da auto-estima dos moradores locais e de seus atributos culturais, gerando orgulho das manifestações culturais específicas da cidade e do próprio formato da festa, indo de encontro com algumas bibliografias que insistem em colocar que esse encontro gera mais impactos negativos que positivos. É importante verificar que cada realidade trará formas diferentes do turismo se estabelecer. E as pesquisas, realizadas nos mais diferentes locais, envolvendo

os diferentes atores, contribui decisivamente para o crescimento dos estudos científicos em torno do turismo, mostrando que para essa atividade os modelos nem sempre se repetem.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira**: sentidos do festejar no país que "não é sério". Virtual Books, Disponível em publicação eletrônica:

<<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>> Acesso em: 07 de abril de 2008 às 11h30

ASPECTOS

ECONÔMICOS.<http://www.arcoverde.pe.gov.br/WebSiteArcoverde/aspectos_eco/aspectos_economicos.htm> Acesso em: 01 fev de 2009 às 10h

BARRETTO, Margarita. **Cultura e Turismo**: Discussões contemporâneas. Campinas: Papirus, 2007.

_____. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Planejamento Responsável do Turismo**. Campinas: Papirus, 2005.

_____. **Relações entre Visitantes e Visitados**: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. In: **Turismo em Análise**. Publicação do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - vol.15, n.1 (2004 – São Paulo CRP/ECA/USP: Aleph, Nov 2004. ISSN 0103-5541

BUENO, Marielys Siqueira. Festa dos Santos Reis: uma forma de hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira.(orgs). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BURNS, Peter M. **Turismo e Antropologia**: uma introdução. Tradução de Deyse Batista. São Paulo: Chronos, 2002.

COOPER, Chris; ET AL. **Turismo**: Princípios e Práticas. Tradução de Alexandre Salvaterra. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

VII SEMINÁRIO 2010 ANPTUR

VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

MOLINA, Sergio; RODRIGUES, Sergio. **Planejamento integral do turismo**: um enfoque para a América Latina. Tradução de Carlos Valero. Bauru: EDUSC, 2001.

OMT. **Introdução ao Turismo**. 1.ed. São Paulo: Roca, 2001.

PEARCE, Philip L. A relação entre os residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão. In: THEOBALD, William F. (org.). **Turismo Global**. 2.ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.